

VIOLÊNCIAS EM ESPAÇOS ESCOLARES: UMA REFLEXÃO PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Helder de Lucena Pereira ¹
Tatiane Maria do Nascimento ²
Adriano Lima da Silva ³
Nayara Eneias Souza ⁴
Gilberlândio Nunes da Silva ⁵

RESUMO

A violência no ambiente escolar é uma preocupação crescente que se tornou sistêmica e tem um impacto profundo na vida das vítimas e dos envolvidos nas atividades escolares. Portanto, para compreender o fenômeno e combater o problema, é necessário analisar a percepção dos sujeitos, e que são objeto da pesquisa aqui apresentada. Este trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos alunos da EJA em relação à prevenção e ao combate da violência de uma Escola Cidadã Integral do município de Campina Grande (PB). Para atingir este objetivo, reuniões com grupos focais promovendo momentos de reflexão foram realizadas. Além disso, um questionário foi aplicado como instrumento para a coleta de dados. A metodologia do trabalho é de abordagem qualitativa e possui aspectos da pesquisa exploratória na medida que se utiliza de dados obtidos a partir do reconhecimento do local em estudo. As respostas obtidas indicam que a violência neste ambiente escolar já foi testemunhada pela maioria dos estudantes consultados e que parte significativa deles não se sente seguro neste espaço. Desse modo, faz-se necessário implementar uma força tarefa interna que garanta a segurança coletiva a fim de possibilitar aos jovens brasileiros a liberdade para ser e estar no ambiente escolar.

Palavras-chave: EJA, violência escolar, segurança.

INTRODUÇÃO

Recentemente, crimes violentos ocorridos em espaços escolares têm sido noticiados na grande mídia e pelas comunidades. A exemplo, o caso de repercussão nacional do atentado cometido por um aluno de 13 anos em São Paulo, em uma escola da rede estadual, que vitimou uma professora de 71 anos. Além disso, outras 5 pessoas receberam atendimento médico. Outro caso que despertou comoção coletiva ocorreu em Blumenau – SC, no qual um indivíduo invadira uma creche e tirara a vida de 4 crianças. Ambos os casos ocorreram em um intervalo de apenas 20 dias.

Desse modo, a violência em espaços escolares é uma preocupação crescente que adquiriu um caráter sistemático e que tem um impacto profundo na vida das vítimas e de pessoas

¹ Graduando pelo Curso de Química da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, hld.lucena@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Química da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fjtatiane2012@gmail.com;

³ Graduado pelo Curso de Química da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, adrianolimadasilva@gmail.com;

⁴ Graduanda pelo Curso de Química da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nayaraasouza@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutorando, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gilberlandionunesdasilva@servidor.uepb.edu.br.

que fazem parte do corpo escolar. Com isso, para o entendimento do fenômeno e do próprio combate deste problema, faz-se necessário analisar a percepção dos sujeitos envolvidos, objeto do estudo aqui apresentado.

O local de realização deste estudo foi uma escola pública localizada na Zona Leste do município de Campina Grande, interior do estado da Paraíba. A escola recebe alunos dos bairros José Pinheiro, Monte Castelo, Santo Antônio e Nova Brasília, que possuem perfis socioeconômicos vulneráveis semelhantes. A unidade educacional conta com a participação de 600 alunos regularmente matriculados no sistema de ensino regular, e 200 alunos na EJA. Trata-se de uma região com altos índices de criminalidade. Há registros frequentes de furtos e assaltos, além da comercialização de entorpecentes. Os alunos habitualmente costumam sair antecipadamente antes das duas últimas aulas e vão para suas respectivas residências em grupos, à medida que estes residem em áreas de risco.

Este ambiente escolar já foi alvo de furtos, no qual TVs e outros bens materiais foram roubados e, mais gravemente, no mês de março deste ano, o vigilante foi assaltado e morto dentro da unidade durante o período noturno. Relatos dão conta que a sensação que persiste é de uma forte insegurança ao patrimônio, aos profissionais que trabalham na unidade e aos alunos. Diante deste fato, a evasão das turmas da EJA aumentou significativamente. A gestão da escola vem demonstrando a necessidade da participação de todos no enfrentamento desta inquietante problemática.

O objetivo deste trabalho foi analisar a percepção dos alunos da EJA em relação à prevenção e ao combate da violência na Escola Cidadã Integral do município de Campina Grande – PB. Assim, o trabalho foi motivado prioritariamente em razão das inúmeras situações de violência vivenciadas pela comunidade escolar, o que vem culminando na gradativa evasão de turmas da EJA, fortemente afetadas. Para tal, utilizou-se de reuniões com grupos focais promovendo momentos de reflexão e, ao fim, um questionário foi aplicado como instrumento para a coleta de dados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Analisar violência em sua complexidade não é uma tarefa simples, pois este fenômeno permeia nosso cotidiano e exige um esforço constante para compreender as suas manifestações em diferentes contextos. Percebe-se que a violência tem sido uma constante ao longo da história da civilização, mas atualmente, devido à rápida e alarmante disseminação de informação nas plataformas sociais, sentimos uma vulnerabilidade maior em comparação com outros períodos

históricos. No entanto, no campo da história, percebe-se a continuidade de uma violência estrutural com diferentes matrizes e intensidades (ARAÚJO, 2020).

Chauí (1993) define violência como um ato de brutalidade, sevícia, e abuso físico e/ou psíquico contra alguém, e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, medo e terror. Para a autora, a violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Charlot (2005) explica que há várias maneiras de como sentimos as situações de violência e como estes fatos afetam nossa rotina:

Apesar de a violência chocar, muitas vezes, aqueles que a experimentam são cúmplices da sua banalização pelo fato de que ao sofrerem tanto e tantas vezes, passam a conviver com o horror, sem questionar a trama e sem hierarquizar o vivido e o testemunhado (CHARLOT, 2005, p. 54).

Para o autor, esta relativização é especialmente relevante quando se trata desse assunto, pois não é sempre que este aparece em nossas vidas como um ataque real, mas como uma espécie de sombra que nos ameaça a qualquer hora e em qualquer lugar. De outra maneira, a violência não está necessariamente enraizada no crime ou no delito, mas na forma de ansiedade que permeia nosso cotidiano e no sentimento de insegurança.

Por vezes, é a localização da escola que facilita as invasões. Em outros casos, os invasores aproveitam de falhas de segurança de estrutura física e entram pelas áreas mais desertas. A lacuna de porteiros e vigias também é uma problemática que faz com que estes profissionais fiquem sobrecarregados e possam apresentar dificuldade em desempenhar suas funções de modo adequado (CHARLOT, 2005). Assim, considera-se necessário refletir acerca de estratégias que possam mitigar tais ocorrências e proteger o corpo escolar, vulneráveis nesta dinâmica brutal. Giordani, Seffner e Dell'aglio (2017) consideram que a violência nas escolas pode ter consequências diversas para o desenvolvimento saudável dos jovens, tanto as vítimas como os ofensores. Quando exposto a situações de agressividade, o indivíduo pode ter sua evolução escolar, social e pessoal prejudicadas de forma indeterminada.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho tem por natureza a abordagem qualitativa, fazendo uso principalmente dos instrumentos de observação participante e de interações com grupos focais. Além disso, possui aspectos da pesquisa exploratória na medida que se utiliza de dados obtidos a partir do reconhecimento do local em estudo.

De acordo com Flick (2009), os principais aspectos da pesquisa qualitativa incluem a escolha adequada de métodos e teorias apropriadas; a identificação e análise de diferentes perspectivas e se assentam nas reflexões dos pesquisadores sobre suas pesquisas como parte do processo de geração de conhecimento em diferentes abordagens e métodos.

Para Goulart (1998), a pesquisa exploratória pode ser apenas uma fase da pesquisa, ou seja, pode ser uma abordagem que antecede o andamento de outros tipos de pesquisa, como experimento social, pesquisa-ação, etc. Esta declaração pode confirmar a viabilidade da pesquisa exploratória para este estudo, ao passo que, com o auxílio dos instrumentos de pesquisa selecionados é possível perceber em qual cenário e como os objetos deste cenário se desenvolvem em relação ao sujeito investigado.

A mesma autora define os objetivos deste tipo de pesquisa:

Os estudos exploratórios têm, fundamentalmente, o objetivo de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando à formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Baseiam-se na pressuposição de que pelo uso de procedimentos relativamente sistemáticos pode-se compreender melhor o campo de um fenômeno a respeito do qual se conhece pouco, devido ao seu caráter desviante ou à sua novidade, isto é, à falta de outros estudos sobre ele (GOULART, 1998, p. 3).

Portanto, dividiu-se a metodologia deste trabalho em duas fases distintas. A primeira delas refere-se à realização da pesquisa exploratória, enquanto a segunda na execução do projeto de intervenção. As duas fases, por óbvio, têm por base o envolvimento do perfil do pesquisador participante. A pesquisa foi desenvolvida durante o período da disciplina de Estágio Supervisionado, componente obrigatório do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Os métodos de observação participante são particularmente adequados para pesquisas exploratórias, pesquisas descritivas e pesquisas voltadas para a generalização de teorias interpretativas. A observação participativa permite obter informações relevantes para a investigação do problema por meio da interação do pesquisador com os sujeitos por períodos extensos (ALMEIDA, 2018).

De igual modo, grupo focal é uma técnica resultante do trabalho em grupo, e foi originalmente utilizada na psicologia social. Tal técnica parte da finalidade de coletar material expressivo, interativo e coletivo, discutido sobre um tema em específico a partir de um cenário anterior. Este material pode incluir conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações (OLIVEIRA; VASCONCELLOS, 2021).

Para a realização desta intervenção, destinou-se duas aulas da disciplina de Química, da turma B do ciclo V da Escola Cidadã Integral. O grupo focal participante foi composto por 12

alunos. Como meio de registro, utilizou-se de anotações e de um questionário proposto de cinco questões. Inicialmente, foi explicado do que se tratava a pesquisa e sua motivação, a fim de promover um momento de reflexão aos alunos. Em seguida, garantiu-se o anonimato da autoria das respostas. Destaca-se o acompanhamento e a significativa contribuição do professor regular da disciplina para o andamento da intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 mostra as questões disponibilizadas no questionário.

Questão	Tipo de resposta
1. Você já presenciou algum tipo de violência no ambiente escolar?	8 alunos responderam que sim, e 4 responderam que não.
2. Caso a resposta para a resposta anterior seja positiva, por gentileza, explique as circunstâncias do ocorrido.	4 citaram o caso do assassinato do vigilante, 4 citaram cenas de brigas na escola e bullying.
3. Você se sente seguro no ambiente escolar?	6 responderam que sim, e 6 responderam que não.
4. Você acha que a administração da escola faz o suficiente para garantir a sua integridade física e emocional dentro da escola?	8 responderam que sim, e 4 responderam que não.
5. Quais sugestões você faria para tornar o ambiente escolar como um todo mais seguro pra você e seus colegas.	Em suma, sugeriram mais segurança, através de mais vigias e rondas policiais, além de acompanhamento de psicólogos. Apenas um único aluno não fez sugestões.

Fonte: dados desta pesquisa.

As respostas obtidas com a primeira Questão indicam que a violência no ambiente escolar já foi testemunhada pela maioria dos estudantes consultados (Figura 1), o que denota um dado alarmante. Entre os *feedbacks*, verificou-se que o *bullying* e brigas ou agressões por motivos torpes não é incomum no espaço físico deste colégio. Porém, o recente assassinato do vigia, citado na introdução, parece ter sido a ocorrência mais traumática até o momento. Um dos estudantes mencionou que este acontecimento o deixou particularmente assustado e

constrangido desde então para continuar frequentando a escola. Outro citou a ausência de segurança como um problema controverso a ser solucionado.

Figura 1 – Respostas da Questão 1.



Fonte: dados desta pesquisa.

Tal pensamento vai de encontro com as respostas obtidas com a Questão 3 (Figura 2). Entre os 12 alunos entrevistados, 6 afirmaram não sentir segurança naquele ambiente. Este dado pode ser apenas a ponta do iceberg em um obstáculo ainda maior, pois um aluno firmado no medo e na insegurança em uma instituição formadora, espaço que mais deveria lhe proporcionar um pensamento crítico, além de desenvolver suas percepções de mundo e habilidades socioemocionais, acaba por ter um efeito contrário, inibindo as capacidades dos alunos e causando danos posteriores.

Figura 2 – Respostas da Questão 3.



Fonte: dados desta pesquisa.

Sobre as medidas de precaução e o papel exercido pela administração da Escola Cidadã Integral para garantir a segurança física e emocional dos alunos, 4 dos 12 estudantes consideram insuficientes (Figura 3). Entre as sugestões diversas endereçadas ao pesquisadores, citou-se a necessidade de mudança no presente corpo de gestão da escola; a precisão de contratação de vigilantes que possam garantir maior proteção no espaço escolar; maior policiamento em áreas circundantes; a possibilidade de ocorrer diálogos com psicólogos especializados; uma mais efetiva influência dos membros administrativos e educacionais da escola em conscientizar os educandos visando torná-los cidadãos mais consagrados, dispostos a seguir regras que os possam beneficiar enquanto indivíduos e enquanto grupo. Ao fim, um aluno citou uma problemática que ultrapassa os muros da escola, mas que está diretamente ligado as suas jornadas diárias no que tange o ir e vir cotidiano. Este citou o medo que sente no percurso até a instituição ou voltando para sua moradia, e disse que deveria haver ônibus escolares que levassem os estudantes que vivem em localidades afastadas.

Figura 3 – Respostas da Questão 4.



Fonte: dados desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a segurança propiciada dentro ambiente escolar é tão importante quanto o conteúdo a ser ministrado em sala de aula, uma vez que tudo isto está intrinsecamente ligado em uma experiência que pode ser benéfica ou maléfica para o estudante a longo prazo. O medo, acarretado pela constante sensação de insegurança, contribui para uma série de problemas que possam surgir, impedindo o crescimento intelectual e a capacidade de sociabilidade do sujeito dentro de sua comunidade. É estranho considerar que precisamente no espaço que mais deveria lhe propiciar a capacidade de desenvolver-se em diversas esferas, o aluno sintasse cauteloso e

permeado por diversos medos que podem manifestar-se através da violência emocional, verbal e física. As respostas coletadas durante a pesquisa apontam que tal receio é recorrente, fazendo necessário implementar uma força tarefa interna que garanta a segurança coletiva a fim de formar jovens brasileiros verdadeiramente livres para ser e estar onde mais lhe cabem: o ambiente escolar. Para trabalhos futuros, sugere-se que as observações e sugestões alcançadas com o questionário aplicado aos 12 alunos possam ser gradativamente consideradas e colocadas em prática, além de expandir-se pelos demais estudantes da escola em questão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. N. Espaços Maker como Potencial de Criação e Ludicidade no IF-SERTÃO-PE Campus Petrolina-PE. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Federal da Bahia. 2018.
- ARAÚJO FILHO, I. K. S.; SCHROEDER, T. M. R.; ABREU, C. B. M.; LOPES ALVES, F. L. Violência Escolar Frente à Judicialização: um Estudo em Escolas de Cascavel - PR. HOLOS, [S. l.], v. 1, p. 1–12, 2020. DOI: 10.15628/holos.2020.6936. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6936>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- CHAUI, M. Ética e violência. São Paulo: Revista Teoria e Debate, Ano 11, número 39, out/nov/dez/ 1998, pp. 36/37.
- CHARLOT, B. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p. ISBN: 85-7652-057-5.
- FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. cap. 3. p. 39-49.
- GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. B. Violência Escolar: Percepções de Alunos e Professores de uma Escola Pública. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 1, janeiro/abril de 2017: 103-111.
- GOULART, Íris. Estudos exploratórios em Psicologia organizacional e do Trabalho. In: GOULART, Iris Barbosa; SAMPAIO, Jader dos Reis (orgs.) Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de Oliveira; VASCONCELLOS, Patrícia Ribeiro. Grupo Focal em Informática na Educação: diálogo, conflito, consenso? In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>. Acesso em 01/05/2023.